

VINICIUS LUMMERTZ

Senior Fellow do Milken Institute, foi ministro do Turismo e secretário de Turismo e Viagens de São Paulo

Depois da Ponte, a Estrada para o Futuro

O editorial publicado recentemente pelo Estadão sobre Estrada para o Futuro recolocou em evidência um tema que há algum tempo perdeu espaço no debate público brasileiro: a importância de projetos nacionais de longo prazo. Independentemente da posição que se adote em relação ao documento ou aos seus autores, sua divulgação suscita uma questão institucional relevante: qual é o papel de plataformas de governo estruturadas na formulação de políticas públicas, no planejamento do desenvolvimento de um país e na qualificação das eleições?

Estrada para o Futuro foi coordenado pelo ex-presidente Michel Temer e elaborado com a colaboração de especialistas de diferentes áreas. Tive a honra de contribuir com o capítulo dedicado à tecnologia. O documento reúne propostas para economia, educação, segurança pública, infraestrutura, tecnologia, saúde, meio ambiente, relações internacionais e modernização do Estado. Sua concepção dialoga diretamente com Uma Ponte para o Futuro, apresentado antes do início do governo Temer e utilizado como referência para parte da agenda de reformas entre 2016 e 2018.

A relação entre os dois documentos ajuda a compreender seu significado. Uma Ponte para o Futuro surgiu em um contexto de grave crise econômica e institucional e propôs diretrizes voltadas ao equilíbrio fiscal, à modernização do Estado e à recuperação da confiança na economia. Naquele período, foram aprovadas medidas como a

Emenda Constitucional do teto de gastos, a reforma trabalhista, mudanças no ensino médio, iniciativas do Programa de Parcerias de Investimentos e a Lei das Estatais. Outras propostas, entre elas a reforma da Previdência, tiveram continuidade e foram aprovadas posteriormente. Independentemente da avaliação sobre seus resultados, tratou-se de um documento programático que dialogou diretamente com uma agenda concreta de governo.

Essa experiência remete a uma questão mais ampla: qual é a função de um plano de país? Em administração pública, plataformas de governo fazem diagnósticos, estabelecem prioridades e indicam objetivos que ultrapassam as urgências do cotidiano. Não eliminam divergências políticas; tornam-nas mais transparentes ao permitir que propostas sejam debatidas, aperfeiçoadas, criticadas e, posteriormente, avaliadas pela sociedade. Também explicitam as intenções de quem pretende governar. Cria-se cultura de participação política, e não de alienação raivosa.

É nesse contexto que surge o conceito de estadismo. Na literatura política, o estadista é frequentemente associado à liderança capaz de combinar respostas às necessidades imediatas com uma visão de longo prazo para o desenvolvimento nacional. A administração do presente continua indispensável, mas passa a ser orientada por objetivos permanentes relacionados às instituições, à competitividade, à educação, à infraestrutura, à inovação, à segurança e ao ambiente econômico.

O debate sobre planejamento ganha relevância em um cenário internacional marcado por transformações geopolíticas, tecnológicas e econômicas. O Brasil reúne tudo: atributos expressivos, mercado interno, capacidade agroindustrial, recursos naturais e matriz energética diversificada, mas também enfrenta desafios persistentes ligados à produtividade, à infraestrutura, ao ambiente de negócios, ao equilíbrio fiscal, ao custo do crédito, à educação, à desigualdade e à qualidade das instituições.

Nesse contexto, documentos como Estrada para o Futuro, apresentado como uma contribuição ao debate público e às diferentes candidaturas, podem ser compreendidos como instrumentos destinados a organizar diagnósticos e propostas para discussão. Seu valor institucional está em oferecer uma agenda explícita que possa ser conhecida, debatida, comparada e, posteriormente, confrontada com os resultados alcançados.

Mais além de discutir um documento específico, esse debate convida a refletir sobre o amadurecimento da democracia brasileira. Plataformas de governo tornam compromissos públicos, permitem maior transparência e oferecem referências para que a sociedade acompanhe prioridades e cobre resultados. Em um país de dimensões continentais e enormes oportunidades, discutir projetos de longo prazo não elimina as diferenças políticas; contribui para que elas se expressem de forma mais estruturada. Afinal, reclamar da falta de rumo é insuficiente se não houver propostas organizadas para orientar o debate nacional. O presidente Temer ofereceu duas: a Ponte e, agora, a Estrada para o Futuro.

JOÃO CANALLE

Professor e astrônomo. Coordenador da OBA e OBAFOG

Julho: Mês Nacional das Olimpíadas Científicas e do Conhecimento

Julho entrou oficialmente no calendário educacional brasileiro como o Mês Nacional das Olimpíadas Científicas e do Conhecimento. Instituída pela Lei nº 15.331, a data reconhece publicamente a contribuição dessas competições educacionais para o estímulo ao aprendizado, ao desenvolvimento da vocação científica e ao fortalecimento do pensamento crítico entre estudantes.

A Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA) é realizada há 29 anos e a Olimpíada Brasileira de Foguetes (OBAFOG) é realizada há 20 anos. A OBA ao longo desse período, acompanhou milhares de estudantes que participaram das atividades, descobriram novos interesses e seguiram carreira acadêmica até níveis de doutorado e pós-doutorado.

O principal objetivo das olimpíadas não é aproximá-los de áreas específicas do conhecimento. Uma olimpíada abre portas para o aluno descobrir aquilo que mais gosta de estudar e fazer.

No caso da OBA, o trabalho acontece em duas áreas

complementares. A astronomia é apresentada como uma das ciências mais antigas, surgida da observação humana do céu e da relação entre fenômenos celestes e mudanças percebidas na Terra. Já a astronáutica é mais recente, associada ao desenvolvimento da exploração espacial e dos recursos necessários para levar instrumentos e observações além da atmosfera. Ambas evoluem em conjunto.

O mês nacional representa um reconhecimento ao trabalho desenvolvido pelos organizadores das olimpíadas e pelas sociedades científicas envolvidas. Quando escolas, professores e estudantes aderem às olimpíadas, aprofundam conteúdos e ampliam o contato com determinadas áreas do conhecimento. A participação representa um diferencial, especialmente quando acompanhada por certificados e reconhecimento institucional.

As medalhas aparecem como elemento de incentivo para estudantes, professores e escolas. O desempenho

dos alunos em olimpíadas costuma ser motivo de orgulho para toda a comunidade escolar e para as famílias, especialmente porque as avaliações são elaboradas por especialistas externos e seguem critérios diferentes das avaliações tradicionais realizadas em sala de aula.

Além das provas escritas, há diferentes formatos de participação. Na OBAFOG, por exemplo, o participante desenvolve uma atividade prática, construindo foguetes com materiais acessíveis e colocando o projeto em funcionamento.

A partir do desempenho dos estudantes, diversas universidades brasileiras passaram a oferecer vagas olímpicas como critério de ingresso para determinados cursos. O modelo considera aspectos como quantidade de medalhas conquistadas, áreas de participação e regras específicas estabelecidas por cada universidade.

As olimpíadas científicas estimulam o interesse dos jovens pelo conhecimento e fortalece a relação com a escola. Nesse contexto, iniciativas como a OBA e a OBAFOG se apresentam como espaços para explorar interesses, desenvolver habilidades e ampliar o contato com diferentes áreas científicas. Logo, valorizar as Olimpíadas do Conhecimento significa incentivar a curiosidade e ampliar oportunidades de aprendizado.

GINO PAULUCCI JR.

Engenheiro, empresário e presidente do Conselho de Administração da ABIMAQ

Feiras que movem o mundo e mostram a força da indústria brasileira

Há momentos em que a indústria não apenas produz. Ela se apresenta ao mundo. É o caso da participação da indústria brasileira de máquinas e equipamentos na Hannover Messe e na Agrishow, que ocorreram em abril, e na Feimec, que aconteceu em maio, reiterando que as grandes feiras internacionais cumprem exatamente esse papel. São palcos onde máquinas falam mais alto do que discursos, onde a engenharia ganha forma concreta e onde o futuro é anunciado por meio de protótipos, demonstrações e negócios capazes de redefinir setores inteiros.

A Hannover Messe, realizada anualmente na Alemanha, é há décadas um dos principais termômetros da indústria global. O evento, do qual participamos, reúne centenas de milhares de visitantes de diferentes continentes, além de expositores de áreas como automação, energia, digitalização e engenharia de precisão. É um ambiente em que parcerias estratégicas surgem com rapidez e onde inovação e negócios caminham lado a lado.

Seria um equívoco, no entanto, imaginar que esse

protagonismo está restrito à Europa ou à Ásia. O Brasil tem demonstrado, de forma consistente, sua capacidade de realizar feiras de nível internacional, promover negócios e apresentar soluções tecnológicas competitivas.

A FEIMEC (Feira Internacional de Máquinas e Equipamentos), realizada em São Paulo, é hoje uma das principais vitrines do setor metalmeccânico no hemisfério sul. A cada edição, reforça a percepção de quem acompanha a indústria brasileira de perto, de que há uma base tecnológica sólida, com capacidade de inovação crescente. Fabricantes nacionais dividem espaço com empresas globais não como coadjuvantes, mas como protagonistas de um mesmo movimento de avanço industrial.

No agronegócio, a Agrishow ocupa uma posição singular no cenário internacional. Realizada em Ribeirão Preto, a feira se consolidou como uma das maiores e mais relevantes do mundo em tecnologia agrícola. Em um país que desempenha papel estratégico na segurança alimentar global, o evento vai além da exposição de

máquinas. Ele mostra toda a capacidade do Brasil de liderar discussões sobre produtividade, inovação e sustentabilidade no campo.

Quando um produtor rural acompanha, em uma demonstração prática, uma máquina capaz de colher, processar e transmitir dados em tempo real para um dispositivo móvel, ele está diante do que há de mais avançado em tecnologia agrícola no mundo.

As feiras têm importância estratégica porque condensam oportunidades em um curto espaço de tempo. Em poucos dias, concentram interações que, em condições normais, levariam meses para acontecer, reunindo fornecedores compradores e soluções em um mesmo ambiente.

A indústria nacional de máquinas e equipamentos opera em padrão global, sustentada por engenheiros, técnicos, empresários e trabalhadores altamente qualificados. O setor alavanca o desenvolvimento do país, e as feiras realizadas refletem essa realidade e se posicionam como eventos de classe mundial justamente por representarem uma indústria igualmente competitiva.

O Brasil não fica devendo nada ao mundo em termos de avanço tecnológico e a indústria brasileira demonstra, ano após ano, sua capacidade de competir em alto nível, seja nas feiras, nas fábricas ou nos resultados que entrega ao mercado global.